

Pânio — Número Vinte e Três

Depois da aliança, ele agirá enganosamente.

Jeff Pippenger

2026-03-20

Daniel onze, versículo vinte e quatro, identifica o período em que a Roma pagã governaria soberanamente com a palavra “tempo”. Um “tempo” representa 360 anos na aplicação profética, e esses anos começaram na mais famosa batalha naval da história antiga, a batalha de Áccio, em 31 a.C. Houve outras batalhas navais maiores e estrategicamente mais sofisticadas, mas Áccio foi a batalha naval mais emblemática por sua associação com Marco Antônio e Cleópatra. Semelhante, em significação histórica, ao colapso do Muro de Berlim em cumprimento de Daniel 11:40, e às Torres Gêmeas do 11 de Setembro em cumprimento de Apocalipse dezoito; pois, quando Deus escolhe os acontecimentos históricos para cumprir Sua Palavra profética, Ele o faz de maneira a alcançar a atenção do maior público possível.

E, depois da aliança feita com ele, usará de engano; porque subirá e se tornará forte com um pequeno povo. Entrará pacificamente até nos lugares mais férteis da província; e fará o que não fizeram seus pais, nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, e os despojos, e as riquezas; sim, tentará os seus desígnios contra as fortalezas, mas só por um tempo. Daniel 11:23, 24.

Uriah Smith conclui suas observações acerca da aliança entre Roma e os Macabeus do versículo vinte e três comentando sobre o pequeno povo do versículo.

“Nesse tempo, os romanos eram um povo pequeno e começaram a agir enganosamente, ou com astúcia, como a palavra significa. E, a partir desse ponto, ascenderam por um progresso constante e rápido ao auge do poder que posteriormente alcançaram.

“[Versículo vinte e quatro citado].”

“A maneira usual pela qual as nações, antes dos dias de Roma, se apoderavam de províncias valiosas e de territórios ricos era por meio de guerra e conquista. Roma estava agora para fazer o que não havia sido feito pelos pais nem pelos pais de seus pais; a saber, receber essas aquisições por meios pacíficos. Inaugurou-se então o costume, até então inaudito, de reis deixarem, por legado, os seus reinos aos romanos. Desse modo, Roma entrou na posse de grandes províncias.

“E aqueles que assim vieram para sob o domínio de Roma não obtiveram daí pequena vantagem. Foram tratados com bondade e indulgência. Foi como ter entre eles repartidos a presa e os despojos. Foram protegidos de seus inimigos e repousaram em paz e segurança sob a égide do poder romano.

“À parte final deste versículo, o Bispo Newton atribui a ideia de projetar desígnios a partir das fortalezas, em vez de contra elas. Foi isto que os romanos fizeram desde a sólida fortaleza de sua cidade de sete colinas. ‘Ainda por um tempo;’ sem dúvida, um tempo profético, 360 anos.

A partir de que ponto devem estes anos ser contados? Provavelmente a partir do acontecimento apresentado no versículo seguinte.” Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 272, 273.

Smith prossegue e identifica a batalha de Áccio, em 31 a.C., como o ponto de partida para os trezentos e sessenta anos. Após citar o versículo vinte e cinco, Smith declara o seguinte.

“Pelos versículos 23 e 24 somos trazidos para aquém da liga entre os judeus e os romanos, em 161 a.C., ao tempo em que Roma havia adquirido o domínio universal. O versículo agora diante de nós traz à vista uma vigorosa campanha contra o rei do sul, o Egito, e a ocorrência de uma batalha notável entre exércitos grandes e poderosos. Teriam tais acontecimentos ocorrido na história de Roma por esse tempo? — Sim, ocorreram. A guerra foi a guerra entre o Egito e Roma; e a batalha foi a batalha de Áccio. Lancemos um breve olhar sobre as circunstâncias que conduziram a esse conflito.”

“[Marco] Antônio, Augusto César e Lépido constituíram o triunvirato que havia jurado vingar a morte de Júlio César. Esse Antônio tornou-se cunhado de Augusto ao desposar sua irmã, Otávia. Antônio foi enviado ao Egito a negócios do governo, mas caiu vítima das artes e encantos de Cleópatra, a dissoluta rainha do Egito. Tão forte foi a paixão que concebeu por ela, que por fim abraçou os interesses egípcios, repudiou sua esposa, Otávia, para agradar a Cleópatra, concedeu província após província a esta última para satisfazer-lhe a avareza, celebrou um triunfo em Alexandria em vez de em Roma e, de outras maneiras, tanto afrontou o povo romano que Augusto não teve dificuldade em levá-lo a empenhar-se de todo o coração numa guerra contra esse inimigo de sua pátria. Essa guerra era ostensivamente contra o Egito e Cleópatra; mas, na realidade, era contra Antônio, que agora se achava à frente dos assuntos egípcios. E a verdadeira causa de sua controvérsia foi, diz Prideaux, que nenhum deles podia contentar-se com apenas metade do império romano; pois, tendo Lépido sido deposto do triunvirato, este agora ficava entre eles, e, estando cada um determinado a possuir o todo, lançaram os dados da guerra pela sua posse.” Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 273.

Profeticamente, a batalha de Áccio identifica a lei dominical, pois ela representou a terceira conquista dos três obstáculos geográficos que estabeleceram o “domínio universal” da Roma pagã, como Smith o descreve. Assim como ocorreu com a Roma pagã, foi quando o terceiro obstáculo da Roma papal foi removido da cidade de Roma que o “domínio universal” da Roma papal teve início em 538. Essas duas testemunhas tratam da lei dominical onde e quando a Roma moderna vence tanto o sexto quanto o sétimo reinos da profecia bíblica, e, ao fazê-lo, vence seu terceiro obstáculo; estabelecendo, assim, o “domínio universal” por quarenta e dois meses simbólicos.

E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dado poder para agir por quarenta e dois meses. Apocalipse 13:5.

Roma Contra o Egito

A dinâmica profética da guerra de Augusto de Roma contra o Egito e Cleópatra foi motivada pela rebelião de Marco Antônio, e essa dinâmica profética deve, por necessidade profética, representar a dinâmica profética que se manifesta na lei dominical.

Em Áccio, Roma conquistou o Egito, um poder que consistia numa aliança entre um homem rebelde e uma mulher ímpia. A aliança de Antônio e Cleópatra é a combinação de igreja e Estado. Em Áccio, a Roma de Augusto conquistou um poder representado por uma combinação ímpia de igreja e Estado.

Imagem da Besta

Cleópatra representa uma igreja corrompida, aliada a Antônio, símbolo de Roma. Cleópatra era a governante sobre o relacionamento entre ambos, como representado por Urias Smith, quando afirmou que Antônio “caiu vítima das artes e encantos de Cleópatra, a dissoluta rainha do Egito”. A aliança entre igreja e Estado representada por Antônio e Cleópatra identificava Cleópatra como o poder governante no relacionamento; assim, a combinação de igreja e Estado representada pelo relacionamento entre ambos corresponde à definição da imagem da besta — que é a combinação de igreja e Estado, com a mulher no controle do relacionamento. Áccio tipificava a lei dominical prestes a vir.

Augusto representa o poder papal conquistando os Estados Unidos na lei dominical que em breve virá. Marco Antônio é o chifre republicano da besta da terra, e Cleópatra é o chifre protestante. Antônio e Cleópatra unem-se e falam como um dragão na lei dominical que em breve virá. Tanto Cleópatra quanto Antônio são símbolos de um poder de dragão, e, quando estão plenamente unidos na lei dominical, falam como um dragão.

Dragões

Tanto a Grécia quanto o Egito representam profeticamente um poder de dragão, e Antônio também representou um poder de dragão. O Egito era o sul em Daniel onze, e a Grécia era o oeste. O Egito foi tomado por Ptolomeu I depois que o reino de Alexandre se dividiu em quatro partes. Ptolomeu I tornou-se então o primeiro rei profético do sul, e Cleópatra foi a última governante ptolomaica no Egito. Ptolomeu nasceu na Macedônia, o lugar de nascimento de Alexandre, o Grande.

A Macedônia situava-se no norte da Grécia e alegava que suas origens ancestrais provinham de heróis míticos gregos. As cidades-estado gregas do sul consideravam os macedônios mais bárbaros do que os helenistas do sul da Grécia. Os macedônios eram uma monarquia, e as cidades-estado meridionais (poleis), como Atenas, Esparta, Tebas, Corinto etc., localizavam-se no sul e no centro da Grécia e nas ilhas do mar Egeu. Essas poleis frequentemente possuíam governos democráticos, oligárquicos ou mistos, ao passo que a Macedônia era uma monarquia centralizada, com uma forte dinastia real (os Argéadas). Ainda assim, todos eram helenistas e, quando Roma entrou em cena na história, passou a designar os helenistas como gregos. Cleópatra foi a última governante ptolomaica, o que representava a tribo monárquica do reino do norte, composta de gregos provenientes da região da Macedônia, ou do norte da Grécia.

Rei do Sul

Cleópatra foi a última governante do reino ptolomaico que começou com Ptolomeu I, quando o reino de Alexandre se dividiu em quatro. Na batalha de Áccio, o reino ptolomaico, o rei literal do

sul, chegou ao seu fim. O rei do sul seguinte seria o Egito espiritual, representado pela França ateuista durante a história da Revolução Francesa.

E os seus cadáveres jazeram na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o nosso Senhor foi crucificado. Apocalipse 11:8.

O Egito literal era o rei literal do sul no que se refere à divisão do reino de Alexandre, mas o Egito espiritual é representado como o rei do sul pelos atributos proféticos do Egito, e não por uma direção literal.

Sul e Oeste

Sendo Cleópatra a última governante ptolemaica do reino, ela era, profeticamente, um poder duplo de Grécia (oeste) e Egito (sul); ao passo que o rei seguinte, e então espiritual, do sul seria a França, também um poder duplo, representado em Apocalipse onze como Egito e Sodoma. A licenciosidade de Sodoma se alinha com a licenciosidade de Cleópatra do oeste, e Cleópatra do sul se alinha com o ateísmo do Egito. A natureza dupla do último rei literal do sul se alinhava com a do primeiro rei espiritual do sul.

A batalha de Áccio foi a aliança ímpia do dragão de Roma de Antônio com o dragão do sul e do oeste de Cleópatra. Antônio e Cleópatra representam uma igreja e um Estado; assim, a conquista de Áccio por Augusto de Roma representa uma conquista em que Roma prevalece sobre uma dupla união ímpia que tipifica a imagem da besta. Trezentos e sessenta anos mais tarde, em cumprimento de Daniel 11:24, Constantino dividiu Roma em oriente e ocidente, deixando a mulher de Roma no ocidente e transferindo o homem de Roma para o oriente. Uma conquista do sul e do oeste tipificou a divisão entre oriente e ocidente após um “tempo” de trezentos e sessenta anos, na batalha de Áccio. Num encontro anterior, Antônio recebeu a Roma oriental e Augusto, a ocidental; assim, Áccio reuniu oriente e ocidente, mas apenas por um “tempo”.

31 a.C. e 330 d.C.

Jesus sempre ilustra o fim com o princípio, de modo que a conquista de Áccio em 31 a.C. tipifica a divisão do império em Oriente e Ocidente em 330. Áccio de 31 a.C. foi o alfa do ômega nos 360 anos que se concluíram em 330. Tanto 31 a.C. quanto 330 tipificam a lei dominical prestes a vir, conforme representada nos versículos dezesseis e quarenta e um de Daniel onze.

Outro Símbolo

Antônio de Roma, alinhado com Cleópatra do sul e do oeste, representa uma aliança tríplice dentro de sua união dupla da imagem da besta. A cruz também se alinha com a lei dominical, e, portanto, com Áccio e 330. Na cruz, uma união dupla de igreja e Estado é representada pelos judeus (igreja corrompida) unindo-se a Roma (Estado) para assassinar Cristo. A terceira parte na união, na cruz, é representada por Barrabás, um falso Cristo, cujo nome significa “filho do pai”. Barrabás é, simbolicamente, um falso profeta quando contrastado com Cristo como o verdadeiro profeta. Roma era Antônio, e Cleópatra do sul e do oeste representava os judeus e Barrabás.

A cruz também se harmoniza com Elias no Monte Carmelo, onde a escolha dizia respeito a quem era o verdadeiro ou o falso profeta. O falso profeta, então, era um símbolo duplo, constituído pelos profetas de Baal e pelos sacerdotes do bosque. Baal é uma divindade masculina, e os sacerdotes do bosque representavam Astarote, uma divindade feminina. Os judeus junto à cruz eram Astarote, a divindade feminina, e Barrabás, a contrafação do Homem de Dores, era a divindade masculina Baal.

Cleópatra era tanto a rainha do sul quanto a rainha do oeste. Antônio era a imagem de Roma, parte do triunvirato tríplice juramentado para vingar o assassinato de Júlio. A morte de Júlio por vinte e três feridas representava a ferida mortal do papado em 1798, em cumprimento do versículo quarenta de Daniel onze. Augusto, em Áccio, representa a cura dessa ferida mortal. A ferida é curada quando Antônio e Cleópatra morrem. Antônio e Cleópatra representam a imagem da besta nos Estados Unidos, que é uma entidade profética tríplice, composta pela besta da terra e seus dois chifres. Antônio é uma parte, e Cleópatra representa as outras duas partes. Quer se trate da Roma de Antônio, quer do Egito e da Grécia de Cleópatra, eles morrem juntos na lei dominical, quando o sexto reino da profecia bíblica chega ao fim. Profeticamente, Cleópatra, em relação a Antônio, é a mistura de astúcia eclesiástica e habilidade política, com a astúcia eclesiástica seduzindo e controlando a habilidade política.

A Segunda Morte Tipificada

Em outro nível profético, a relação de Cleópatra com Júlio César e Marco Antônio representa duas ocasiões em que a arte eclesiástica de Cleópatra está em relação com a arte estatal do Império Romano. Ela foi deixada por Júlio em 1798, em sua primeira morte simbólica, em cumprimento do versículo quarenta de Daniel onze; e então chega ao seu fim, sem que haja quem a socorra, em Áccio, em cumprimento do versículo quarenta e cinco de Daniel onze. O versículo quarenta é o alfa de sua primeira ferida mortal, que há de ser curada, e o ômega do versículo quarenta e cinco é onde ela recebe sua segunda e última morte.

Assim como ocorre com os quatro poderes romanos dos versículos dezesseis a vinte e dois, Cleópatra, como símbolo bíblico, possui mais de um significado, com base no contexto. Júlio a deixou em 1798, quando o apoio régio foi removido, e então sua chaga mortal é curada na lei dominical; porém, os dez reis de Apocalipse dezessete finalmente a destroem com fogo, quando ela encontra sua segunda e última morte.

Cleópatra é um símbolo da natureza dupla representada pelo ateísmo do Egito de Faraó e pela filosofia religiosa da Grécia. Sua natureza dupla representa a arte de governo do Egito e a arte eclesiástica da Grécia. A filosofia religiosa grega é representada pela deusa grega Atena, que foi entronizada como estátua em seu templo, chamado Partenon. Atena é o símbolo da sabedoria e, como mulher, representa uma religião de educação humana, em contraste com a educação Divina.

Os dois chifres dos Estados Unidos são o Republicanismo e o Protestantismo, os quais foram tipificados na França pelo Egito e por Sodoma. O Egito é a arte de governar do Estado, e Sodoma é a arte eclesiástica; assim, o Republicanismo se alinha com o Egito, e o Protestantismo com Sodoma. O Republicanismo é Egito, e o Protestantismo é Sodoma e Grécia. O símbolo da

educação humana é a deusa grega Atena, cujo templo era o Partenon, que encontra seu correspondente moderno no templo do Partenon em Nashville, Tennessee. O símbolo da igreja corrupta que se alinha com o chifre republicano nos Estados Unidos, por ocasião da lei dominical, é representado como Cleópatra, Astarote, Salomé e Sodoma.

Cleópatra retrata o ateísmo de Faraó e a religião dos gregos. A religião que acompanha a filosofia do ateísmo é a adoração da educação grega. Jesus sempre ilustra o fim com o princípio, e a árvore no jardim da qual era proibido comer era a árvore do conhecimento do bem e do mal, tipificando a religião da filosofia grega que a Irmã White chama de “educação superior”. Isso identifica e enfatiza a religião grega de sabedoria de Cleópatra como a corrupção e a contrafação da verdadeira educação no grande conflito entre Cristo e Satanás.

Nashville, Tennessee, é chamada de “Atenas do sul”, e Cleópatra foi a última rainha literal do sul. A última rainha do sul tipificava o próximo e primeiro rei espiritual do sul, cumprido pela França ateaista. A França ateaista tipifica os Estados Unidos, onde, em Nashville, Tennessee, “Atenas do sul”, o templo Partenon da deusa Atena é simbolicamente representado. O templo está localizado em 2500 West End, em Nashville. O número vinte e cinco representa a porta fechada das três parábolas de Mateus vinte e cinco. Cleópatra, como rainha tanto do “sul” quanto do “oeste”, chega ao seu “fim” em Atenas do sul.

Com essas considerações acerca de Áccio, Cleópatra, Augusto e Antônio, voltamos ao versículo vinte e quatro até o versículo trinta de Daniel onze. Talvez a parte mais vaga da passagem seja quando eles proferem mentiras à mesma mesa.

E o coração destes dois reis será para fazer o mal, e à mesma mesa falarão mentiras; porém isso não prosperará, porque o fim ainda será no tempo determinado. Daniel 11:27.

O tempo determinado no versículo é 330, o fim do “tempo” do versículo vinte e quatro. O tempo determinado representa a lei dominical para os Estados Unidos e também representa o encerramento do tempo de graça humano para o mundo. Antes da lei dominical, os dois reis, cujos corações intentavam fazer mal, falarão mentiras um ao outro à mesma mesa. Antes da lei dominical dos versículos dezesseis e quarenta e um de Daniel onze, dois reis falarão mentiras à mesma mesa, mas as suas mentiras não prosperam. Quem são os dois reis que falam mentiras um ao outro? Antes de respondermos a essa questão, recordarei algum simbolismo que abordamos anteriormente nesta série.

Os quatro governantes romanos representam uma variedade de símbolos proféticos, dependendo do contexto em que são considerados. Embora sejam governantes romanos, como símbolo eles representam essencialmente a história profética do antigo Judá à medida que este transitava da dominação selêucida para a dominação dos romanos.

Pompeu foi um general, e os três governantes romanos seguintes foram todos Césares. Júlio, em relação a Augusto, representou duas uniões tríplices com os dois triunviratos, o primeiro não oficial, o segundo oficial. Todos os quatro governantes representam a lei dominical em certos contextos. Pompeu conquistou a terra gloriosa; Júlio, representado por vinte e três feridas de

punhal, é o primeiro anjo, pois é o primeiro César, e tipifica o terceiro anjo, que era Tibério. Tibério, na cruz, que é a lei dominical, também é representado por vinte e três, pois vinte e três representa a expiação; e a cruz é uma parte essencialíssima da obra de Cristo ao combinar Sua Divindade com a nossa humanidade. Assim, Júlio e Tibério são a primeira e a terceira mensagem, representadas por vinte e três.

Júlio não era a figura romântica que muitas vezes se retrata nas lendas de Hollywood; era um homem implacável, decidido ao poder. Tibérias era pior do que Júlio, pois a sua vileza é até mencionada no versículo, porque a última letra do alfabeto hebraico é vinte e dois, e a primeira letra é um. O alfa é menor do que o ômega, e a vileza de Tibérias está localizada no versículo vinte e dois, que corresponde à última letra do alfabeto hebraico; e, entre as duas pessoas vis representadas por Júlio e Tibérias, estava Augusto. Augusto representa o auge da glória do poder e do prestígio de Roma. Como o oposto da primeira e da terceira mensagem, ele é representado pela letra treze, que é um símbolo de rebelião. Augusto firmou o seu reino ao subjugar a rebelião de António e Cleópatra, a mais famosa rebelião da história de Roma.

Augusto é o poder romano que conquistou o terceiro obstáculo e, ao fazê-lo, representou a lei dominical, e o poder romano que reina durante os quarenta e dois meses simbólicos da rebelião do capítulo treze de Apocalipse. Quando colocado diante da lei dominical, Pompeu é tanto 1798 como 1989, fazendo de Pompeu um símbolo de Antíoco Magno, pondo fim à quarta Guerra Síria de 219 até 217 a.C., em cumprimento do versículo dez do capítulo onze. Júlio César é então alinhado com os versículos onze e doze e com a batalha da fronteira, a batalha de Ráfia em 217 a.C. Ali, Júlio também é Antíoco Magno, e Augusto César também é Antíoco Magno na batalha de Pânio, do versículo quinze. Então, no versículo dezesseis, Tibério é a lei dominical, mas ele não é Antíoco Magno, pois ali ele é Pompeu, porque Jesus sempre ilustra o fim com o princípio. O versículo assinala o fim do Império Selêucida, tipificando o fim dos Estados Unidos como o sexto reino da profecia bíblica.

Há mais alinhamentos a serem feitos dos quatro governantes romanos, e a linha representa a história oculta do versículo quarenta. A linha macabeia do versículo vinte e três também ilustra a história oculta do versículo quarenta. Então, nos versículos vinte e quatro, a história da Roma Imperial pagã é representada por um tempo — trezentos e sessenta anos. A linha da história romana representada desde o versículo vinte e quatro até o versículo trinta também é uma ilustração da história oculta do versículo quarenta. Ela termina no versículo trinta e um, quando o assunto muda da Roma pagã para a Roma papal. A Roma pagã ainda está no versículo, mas ali ela não é representada como o quarto reino da profecia bíblica, e sim como o poder político que colocou o papado no trono em 538. Em 538 o papado promulgou uma lei dominical, de modo que o versículo trinta e um está se alinhando com os versículos dezesseis e quarenta e um. O versículo vinte e quatro introduziu a batalha de Ácio e a história associada à linha.

O versículo vinte e quatro está identificando quando a Roma pagã começou a governar supremamente por trezentos e sessenta anos, e então, no versículo trinta e um, a Roma papal começa a governar supremamente por mil duzentos e sessenta anos. O início e o fim da linha trazem a assinatura de Cristo, o Alfa e o Ômega. Nos versículos temos a história de Marco

Antônio, Cleópatra e César Augusto. No versículo dezesseis, a Roma pagã conquistou o Império Selêucida em 65 a.C., e então Judá em 63 a.C. O terceiro obstáculo de Ácio, em 31 a.C., identificou o fim do reino do Egito, conforme tipificado pelos primeiros obstáculos dos selêucidas em 65 a.C. Mais uma vez, encontramos a assinatura do Primeiro e do Último. 65 a.C. foi o primeiro de três obstáculos e representou a conquista do rei do norte, e 31 a.C. representou o terceiro de três obstáculos e representou a conquista do rei do sul. Judá, como o obstáculo do meio dos três obstáculos, estava em guerra civil dentro dos muros de Jerusalém quando Pompeu chegou em 63 a.C. O segundo obstáculo é um símbolo de rebelião.

Em 538, o terceiro obstáculo para Roma papal foi expulso da Cidade de Roma. Esse obstáculo eram os godos, e ali teve início o quinto reino da profecia bíblica; exatamente onde terminou o quarto reino. E, assim como o quarto reino começou em seu terceiro obstáculo, o reino do Egito foi derrotado, como havia sido tipificado no primeiro obstáculo do reino selêucida. Isso identifica que o testemunho profético encontrado nos versículos vinte e quatro até o versículo trinta representa uma linha que também deve ser localizada na história oculta do versículo quarenta. Por essa razão, é essencial considerar as várias relações proféticas representadas por Marco Antônio, Cleópatra, Júlio César, Pompeu e César Augusto.

Assim, é a parte mais vaga da passagem do versículo vinte e quatro ao trinta, quando falam mentiras à mesma mesa?

E o coração destes dois reis será para fazer o mal, e à mesma mesa falarão mentiras; mas isso não prosperará, porque o fim ainda será no tempo determinado. Daniel 11:27.

Urias Smith identifica os dois reis como Marco Antônio e Augusto César.

“Versículo vinte e sete citado”

“Antônio e César estiveram outrora aliados. Contudo, sob a aparência de amizade, ambos aspiravam e maquinavam o domínio universal. Suas declarações de deferência mútua e de amizade recíproca eram as expressões de hipócritas. Falavam mentiras à mesma mesa. Otávia, esposa de Antônio e irmã de César, declarou ao povo de Roma, por ocasião de seu divórcio de Antônio, que havia consentido em casar-se com ele unicamente na esperança de que isso servisse de penhor de união entre César e Antônio. Mas esse conselho não prosperou. Veio a ruptura; e, no conflito que se seguiu, César saiu inteiramente vitorioso.” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 276.

Quando Octávia identificou que o seu casamento com Antônio era como um penhor de união, isso identificou a aliança matrimonial que havia sido tipificada anteriormente no capítulo onze com o casamento, na era helenística, de Berenice com o rei selêucida Antíoco II Teos, por volta de 252 a.C. Berenice era filha de Ptolomeu II Filadelfo. Octávia e Berenice representam casamentos diplomáticos ou, profeticamente, tratados. Os versículos cinco a dez identificam a história do casamento diplomático entre os reinos do sul e do norte, e, quando Marco Antônio e Otaviano, mais tarde conhecido como Augusto César, arranjaram o casamento, também dividiram o reino em leste e oeste.

O Pacto de Brundísio (40 a.C.) foi um acordo negociado entre Marco Antônio e Otaviano (mais tarde Augusto) para resolver as tensões no Segundo Triunvirato após uma quase guerra civil. Envolveu a divisão dos territórios romanos (Antônio no Oriente, Otaviano no Ocidente) e foi selado pelo casamento de Antônio com Otávia (irmã de Otaviano). Em 39 a.C., expirou o termo original de cinco anos do Triunvirato; Antônio navegou para a Itália com mais de 300 navios, aos quais inicialmente foi negado desembarque em Brundísio, de modo que, por fim, aportaram em Tarento. Otaviano encontrou-se com ele ali, depois de prolongadas mediações ocasionadas pela relutância do exército de Antônio em combater o exército de Otaviano, e vice-versa. Otávia desempenhou um papel mediador fundamental, persuadindo Antônio a apoiar Otaviano contra Sexto Pompeu. Eles renovaram o Triunvirato por mais cinco anos (até 32 a.C.), com Antônio fornecendo a Otaviano 120 navios em troca de tropas prometidas (que Otaviano mais tarde reteve).

Em 32 a.C., houve uma ruptura aberta entre os dois antagonistas. As relações haviam se deteriorado por meio da propaganda, da orientação oriental de Antônio (com Cleópatra) e da consolidação de Otaviano no Ocidente. Otaviano rejeitou, mais tarde, as propostas de conferência feitas por Antônio antes de Áccio.

No casamento diplomático com o rei do norte (Antíoco) e o rei do sul (Ptolomeu), foi o rei do sul quem forneceu a noiva; no casamento diplomático de Antônio (o leste) e Otaviano (o oeste), a noiva foi fornecida pelo oeste. Ambos os casamentos diplomáticos fracassaram, e o fornecedor da filha ou irmã foi, por fim, vitorioso sobre o poder que quebrou o tratado.

O Testemunho de Três

No fim do Império Selêucida, houve um terceiro tratado em que mentiras foram proferidas à mesma mesa. Isso ocorreu no contexto da Quinta Guerra Síria (202–195 a.C.), quando Antíoco III Magno explorou a fraqueza do Reino Ptolemaico após a morte de Ptolomeu IV Filopátor, em 204 a.C. Ptolomeu V Epífanes (Ptolomeu V) ascendeu ao trono ainda criança (por volta dos 5–6 anos de idade), deixando o Egito sob regentes e vulnerável ao caos interno, a revoltas nativas e a ameaças externas.

Antíoco Magno já havia invadido e tomado grande parte dos territórios ptolomaicos na Celessíria, na Palestina e na Ásia Menor após vitórias como a Batalha de Pânio (200 a.C.). Em vez de conquistar plenamente o Egito (o que arriscaria a intervenção romana, visto que Roma o pressionava a manter-se fora de certas áreas), ele buscou uma aliança matrimonial diplomática na condição de figura “protetora”. Em 197/195 a.C., como parte do tratado de paz que pôs fim à guerra, Antíoco Magno desposou em promessa de casamento e depois deu em matrimônio sua jovem filha Cleópatra I Síria (também chamada Cleópatra Síria) ao menino Ptolomeu V (o casamento ocorreu em 193 a.C., em Ráfia; Ptolomeu tinha 16 anos, Cleópatra 10).

Isto foi apresentado como um gesto generoso: Antíoco colocou-se como aliado e “protetor” do jovem rei, assegurando a paz enquanto retinha os ganhos na Ásia. O casamento deu-lhe influência indireta sobre o Egito por meio de sua filha (ele esperava que ela permanecesse leal às suas raízes selêucidas e atuasse como uma voz pró-síria na corte ptolomaica). O estratagema saiu pela culatra, pois Cleópatra tomou o partido de seu marido e do Egito, e não de seu pai, minando o controle de

longo prazo de Antíoco. Isto espelha o Pacto de Brundísio (40 a.C.) e se relacionava com os acontecimentos romanos de várias maneiras.

Assim como Antônio se casou com Otávia (irmã de Otaviano) para vincular potências rivais após uma quase guerra, Antíoco usou o casamento de sua filha com Ptolemeu V para formalizar uma paz temporária e uma divisão territorial (os selêucidas conservaram as conquistas no norte, e Ptolemeu reteve o Egito ao sul).

Antíoco atuou como um guardião de facto sobre o rei-menino Ptolemeu V (por meio de laços familiares), de modo semelhante a como Otaviano (e o Triunvirato) se posicionaram em meio a vácuos de poder ou rivalidades. Em ambos os casos, a figura “mais forte” (Antíoco/Otaviano) buscou obter vantagem sobre uma contraparte vulnerável por meio do parentesco. Ambos os arranjos trouxeram estabilidade de curto prazo, mas ‘não prosperaram’ a longo prazo, devido à desconfiança subjacente — Cleópatra favoreceu o Egito (minando Antíoco), enquanto o enfoque oriental de Antônio (Cleópatra VII) levou ao rompimento com Otaviano.

A menoridade de Ptolemeu V sob regentes é paralela à instabilidade após a morte de Júlio César (que levou à formação do Triunvirato e às lutas pelo poder). O casamento de Berenice com Antíoco assinalou o início da história do Império Selêucida em Daniel onze, e o casamento da filha de Antíoco Magno com o rei-menino egípcio assinalou o fim do Império Selêucida. O término do casamento de Marco Antônio com Otávia assinalou o fim do reino ptolomaico. O fim de Judá como povo da aliança de Deus ocorreu na cruz, e esse reino judaico começou com os Macabeus e a aliança que fizeram com Roma. Todas essas linhas proféticas estão representadas dentro da narrativa de Daniel capítulo onze, e todas elas se alinham com a história oculta do versículo quarenta. Começando no versículo cinco, temos o tratado de Berenice, que conduz a Antíoco, o Grande, e ao tratado de sua filha Cleópatra Sira, que ocorre na história dos Macabeus do versículo vinte e três. Os Macabeus tornam-se parte da linha com base em sua rebelião contra Antíoco Epifânio, um dos últimos da dinastia selêucida.

Antíoco Epifânio é o Antíoco que estava no Egito em 168 a.C., perto de Alexandria, durante a Sexta Guerra Síria. Antíoco Epifânio havia invadido o Egito e estava à beira de capturar Alexandria. Os governantes ptolemaicos apelaram a Roma por ajuda. Roma enviou Popílio Laenas (com apenas um pequeno séquito — sem exército) para entregar um ultimato do Senado; Antíoco devia retirar-se imediatamente do Egito e de Chipre, ou enfrentar guerra com Roma. Quando Antíoco recebeu a carta e pediu tempo para consultar seus conselheiros, Popílio — descrito como severo e imperioso — tomou seu bastão de caminhada e traçou um círculo na areia ao redor dos pés do rei. Então declarou: “Antes que saias desse círculo, dá-me uma resposta para eu a apresentar perante o Senado.”

A implicação era clara: Antíoco não poderia sair do círculo sem se comprometer com as exigências de Roma — atravessá-lo sem acordo significaria guerra. Atônito e humilhado, Antíoco hesitou brevemente, mas então concordou em obedecer, retirou suas forças do Egito e retornou à Síria. Esse ousado ato de diplomacia (amparado pela reputação cada vez maior do poder de Roma) forçou a retirada sem batalha, evidenciando a ascendente supremacia de Roma no Mediterrâneo

oriental. É amplamente citado como uma origem da expressão “traçar uma linha na areia” (embora, literalmente, se tratasse de um círculo).

Antíoco Epifânio também se tornou, no entendimento protestante, o poder que se exalta a si mesmo, cai e estabelece a visão no versículo catorze de Daniel onze.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão. Daniel 11:14.

Antíoco IV Epifânio reinou de 175 a 164 a.C. e foi o oitavo de treze reis selêucidas. Procurou impor a cultura helenística e unificar o seu império sob práticas religiosas gregas. Saqueou o Templo em 169 a.C., proibiu as práticas judaicas (circuncisão, observância do sábado, estudo da Torá) e forçou sacrifícios a deuses pagãos. Em dezembro de 167 a.C., erigiu um altar pagão (a Zeus) sobre o altar judaico dos holocaustos no Templo e sacrificou um porco, juntamente com outros atos profanos. A profanação foi a gota d’água para os judeus observantes, que a viram como a violação suprema da santidade do Templo e da lei de Deus. Isso desencadeou resistência imediata quando Matatias (um sacerdote de Modiin) recusou a ordem de um oficial selêucida para sacrificar a deuses pagãos e matou um judeu apóstata e o oficial, fugindo então para os montes com os seus filhos (os futuros Macabeus). Isso deflagrou uma guerra de guerrilha e revolta de 167 a 160 a.C., que visava restaurar o culto judaico, conduzindo à rededicação do Templo (Hanucá) em 164 a.C., sob Judas Macabeu.

No princípio e no fim do Império Selêucida houve um tratado significativo, representado por um casamento diplomático, que possuía o elemento de divisão, quer de leste e oeste, quer de norte e sul. À medida que o Império Selêucida declinava, Antíoco Epifânio torna-se o símbolo do poder romano ascendente e o foco da indignação dos Macabeus. Mais tarde, na história, ele se torna a falsificação do símbolo profético que estabelece a visão. O poder no versículo vinte e dois do capítulo onze é quebrantado quando o príncipe da aliança foi quebrantado.

E, com os braços de uma inundação, serão arrebatados de diante dele e serão quebrantados; sim, também o príncipe da aliança. Daniel 11:22.

O reinado de Antíoco Epifânio terminou em 164 a.C., quase duzentos anos antes de Cristo, “o príncipe da aliança” ter sido “quebrado” na cruz. O que desejamos observar aqui é que o Império Selêucida começou e terminou com um casamento diplomático de tratado, no qual o engano entre as duas partes é matéria de registro histórico. Durante o reinado de Antíoco Epifânio, teve início a revolta dos Macabeus, que tipificou a Revolução Americana. Na história dos Macabeus, sua luta para sacudir o poder selêucida incluiu um tratado significativo com Roma. O versículo que identifica o tratado identifica diretamente Roma como agindo enganosamente, ou proferindo mentiras à mesa do tratado.

E, depois da aliança feita com ele, agirá enganosamente; porque subirá e se fortalecerá com pouca gente. Daniel 11:23.

Toda linha profética que precede o tempo do fim no versículo quarenta contém um tratado rompido. Uriah Smith, comentando sobre “os que violarem a santa aliança” do versículo trinta,

registra o seguinte:

“‘Indignação contra a aliança’; isto é, as Sagradas Escrituras, o livro da aliança. Uma revolução dessa natureza foi realizada em Roma. Os hérulos, godos e vândalos, que conquistaram Roma, abraçaram a fé ariana e tornaram-se inimigos da Igreja Católica. Foi especialmente com o propósito de exterminar essa heresia que Justiniano decretou que o papa fosse o cabeça da igreja e o corretor dos hereges. A Bíblia logo passou a ser considerada um livro perigoso, que não devia ser lido pelo povo comum, mas todas as questões em disputa deviam ser submetidas ao papa. Assim se acumulou indignidade sobre a palavra de Deus. E os imperadores de Roma, cuja divisão oriental ainda continuava, tinham entendimento, ou conluiavam, com a Igreja de Roma, que havia abandonado a aliança e constituía a grande apostasia, com o propósito de reprimir a ‘heresia’. O homem do pecado foi elevado ao seu presunçoso trono pela derrota dos godos arianos, que então estavam de posse de Roma, em 538 d.C.” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 281.

O versículo cinco de Daniel onze identifica a linha da história em que o rei do sul oferece uma noiva diplomática como símbolo de um tratado que, em seguida, foi quebrado pelo rei do norte. A retaliação do rei do sul tipificava a retaliação do rei do sul espiritual de Napoleão contra o rei do norte papal em 1798. O tratado quebrado dos versículos cinco a nove tipificava o tratado quebrado de Tolentino por Napoleão, o qual tipificava a alegação de Putin de um tratado quebrado pela OTAN. A retaliação de Napoleão tipificava a retaliação de Putin contra a Ucrânia em 2014. A retaliação do versículo dez por Antíoco Magno, que pôs fim à quarta Guerra Síria, alinha-se com Napoleão em 1798 e também com Putin em 2014. Após a batalha de Pânio do versículo quinze, em 200 a.C., Antíoco arranhou um casamento diplomático com a intenção oculta de colocar o Egito sob o seu comando sem empregar tropas militares em solo. O trono de Antíoco Magno foi passado a seu filho, que foi assassinado, o que trouxe ao trono o filho mais novo de Antíoco Magno, Antíoco Epifânio. Suas ações ao implementar costumes e religião gregos ocasionaram a revolta dos Macabeus, que conduziu ao tratado enganoso com Roma no versículo vinte e três. O versículo vinte e quatro introduz a Roma pagã e identifica a mesa de mentiras de Antônio e Augusto. No versículo trinta, a Roma pagã entra em diálogo com a igreja papal, os quais são assinalados como aqueles que haviam quebrado a santa aliança.

Os versículos vinte e quatro a trinta constituem o testemunho de Roma pagã, e os versículos trinta e um a quarenta fornecem o testemunho de Roma papal. Cada linha de Daniel 11:1 até o versículo 40 representa uma linha de profecia que é aplicada na história oculta do versículo 40. A linha do reino selêucida, a linha do reino ptolemaico, a linha do reino judaico dos macabeus, a linha de Roma pagã e a linha de Roma papal ilustram todas a história de 1989 até a lei dominical. Cada uma dessas linhas identifica um tratado rompido como um elemento principal da história.

É Roma que estabelece a visão de Daniel onze, e os tratados proféticos de engano tanto da Roma pagã quanto da papal são assinalados como progressivos e como ocorrendo antes de Roma governar supremamente durante seus respectivos e distintos períodos proféticos. Ambos os poderes assinalaram o início do período profético de supremacia como começando quando seu terceiro obstáculo foi superado. Antes da iminente lei dominical nos Estados Unidos haverá um tratado de

engano entre dois poderes. Quatro vezes os dois poderes foram os reis do sul e do norte: uma vez entre a terra gloriosa de Judá e Roma, uma vez entre duas partes do triunvirato romano e uma vez entre a Roma pagã e a Roma papal. Em ambos os tratados enganosos concernentes a Roma, tratava-se, em essência, de um tratado entre uma metade do império romano, quer Antônio do leste, Augusto do oeste, quer a Roma pagã do leste e a Roma papal do oeste. Quatro tratados de engano entre os reis do norte e do sul, dois entre os reis do leste e do oeste e um entre o futuro rei do norte e a terra gloriosa.

Isto conclui nossa apresentação inicial do livro de Daniel. A série Panium representa a conclusão da série sobre o livro de Daniel, a qual constitui a introdução à história oculta do versículo quarenta, que continuaremos a considerar no próximo artigo.